



# **RACIONALIDADE COMPETITIVA, INSTABILIDADE E INCERTEZA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

## RACIONALIDADE COMPETITIVA, INSTABILIDADE E INCERTEZA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Maria do Socorro de Souza Vieira\*

### RESUMO

O texto aborda características da sociedade contemporânea, associadas à nova lógica competitiva: a instabilidade, a incerteza, os riscos da atualidade, que dão ritmo à produção e definem as relações dos homens entre si e com o mundo, mas também produzem diversas formas de pressão psicológica sobre os sujeitos, a fim de arrancar sua energia necessária à produção do ilimitado. A grande carga de tensão gerada nesse processo, sobretudo nos ambientes de trabalho, contamina outros espaços de convivência dos indivíduos, principalmente o familiar, generalizando-se o sofrimento emocional. A lógica da fragmentação e da descontinuidade transforma tempo e espaço e interrompe as histórias dos sujeitos, lançando-os à subordinação do efêmero, do espetáculo e à angústia do fracasso, da incerteza. Ao lado da devastação da natureza, decorrente do produtivismo, assiste-se hoje à depredação humana, do indivíduo no seu interior, no seu caráter, na força e no espírito que lhe dá ânimo para viver. Nas condições atuais de existência em que se tornam ineficazes as estratégias de defesa do sofrimento humano no trabalho e em outros planos da vida, as desordens emocionais da atualidade (dependência de droga, pânico, depressão) emergem como um sintoma desse sofrimento e da falta de perspectiva do sujeito frente ao caos. Elas denunciam o esgotamento das forças dos indivíduos na luta pela sobrevivência psíquica, num mundo onde as regras e os parâmetros competitivos que orientam os sujeitos estão bem acima de sua capacidade humana de atender.

\*MARIA DO SOCORRO DE SOUZA VIEIRA é Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba.

**Palavras-chave:** Sociedade contemporânea. Lógica competitiva. Riscos da atualidade. Desordens emocionais.

---

A sociedade contemporânea tem, de fato, características que a especificam. O inédito, o destaque, o efêmero, a ruptura são traços do seu movimento que dão ritmo à produção e também definem as relações dos homens entre si e com o mundo. Na atual lógica de organização da sociedade moderna, a energia de seu movimento brota da instabilidade e da incerteza. Em todos os planos, a marcha é acelerar, e o que não acompanha a corrida não é digno de sobreviver. Nesse dinamismo, em algumas décadas, a

história da humanidade alcança níveis de desenvolvimento jamais previstos: a rapidez das mudanças, as incessantes descobertas e incrementações tecnológicas, as conexões em rede dos grandes sistemas financeiros, mercadológicos e de informações, a agilidade dos transportes. Os limites, antes só transponíveis na ficção, tornam-se cada vez menos obstáculos às fantásticas conquistas que facilitam a produção, a vida, a comunicação. As novas tecnologias extinguem distâncias de tempo e de espaço. A ciência contemporânea

altera a genética, elimina doenças, torna possível o impossível.

Contudo, o conhecimento científico e tecnológico prossegue na obstinada busca de dominação da natureza. Sem direção precisa e impulsionado pela lógica que persegue o excesso, o ilimitado e o desafio, esse conhecimento se empenha em eliminar os obstáculos ao curso do desenvolvimento. Volta-se para a moldagem da natureza humana, construindo o fenômeno da massificação. A racionalidade instrumental detona o avanço da ciência, intensifica a produtividade, o desejo pelo consumo e pela novidade. A moda e a inovação são, ao mesmo tempo, imaginários de satisfação e meios de realização da superprodução, num movimento ininterrupto, em que a saturação e o excesso suscitam repulsa, insatisfação, novos desejos, novas procuras, reinvenções. Para acelerar o ritmo, a lógica difunde-se nas relações sociais, converte-se em exigência dos sujeitos, dirigida aos outros e a si mesmos.

Esse frenetismo, entretanto, apresenta a face encantadora da modernidade, o lado colossal que seduz os atores sociais a se integrarem ao seu movimento na ânsia do inusitado e do espetacular, na procura da conquista e da vitória. Nestes tempos, são esses ideais que prometem felicidade ao homem e lhe conferem sentido de existir. Na atualidade, esses são valores e signos que afirmam a habilidade e a competência do ser humano perante a vida. De fato, em sua fase inicial, como lembra Balandier (1997, p.142), a modernidade teve seu efeito favorável à ascensão do indivíduo: possibilitou a vida na cidade, promoveu a instrução e a valorização pelo trabalho. Mas sua meta é a construção na desconstrução. A lógica da fragmentação e da descontinuidade transforma tempo e espaço e interrompe as histórias dos sujeitos, lançando-os à subordinação do efêmero, do espetáculo e à angústia do fracasso, da incerteza.

A sociedade contemporânea esvazia o sujeito, retira dele a capacidade de conduzir sua história. O sentimento de impotência o invade. A gigantesca engrenagem ganha impulso e

velocidade, que escapam ao controle e desorientam os próprios seres humanos engajados em sua edificação. Surgem os novos riscos da modernidade, decorrentes da depredação da natureza, que emergem, uma vez que a meta do desenvolvimento é a concentração, o enriquecimento individualista, e não, a universalização do acesso aos bens socialmente produzidos, nem a melhoria de qualidade da vida, no planeta, no sentido amplo.

Com a iminência dos desequilíbrios ecológicos e de graves problemas ambientais, que põem em risco até mesmo a produção, a própria tecnologia vem tentando conter a devastação da natureza ou, ao menos, controlar, minimizar suas conseqüências. Mas a depredação atinge também a própria natureza humana, o indivíduo no seu interior, no seu caráter, na força e no espírito que lhe dá ânimo para viver. Os obstáculos não são mais os da construção da engrenagem, e sim, os de sobreviver nela. O desafio, impossível de ser atingido, é acompanhar os ritmos da grande "maquinaria social", seguir sua lógica, critérios e valores que ordenam sua montagem, seu funcionamento, criados pelos homens, mas que ela, no coletivo, tornou-os imperativos e os potencializou. As dificuldades do homem em desbravar a natureza deslocam-se para o plano emocional e afetivo de suas relações sociais.

A mesma força, que tão gloriosamente estimula as descobertas e promove a realização dos sujeitos, é também criadora de desapontamentos e de frustrações. Na contemporaneidade, os referenciais de sucesso e de vitória são inatingíveis, exaurem as forças dos indivíduos. Essa é a marca principal que diferencia os tempos atuais de épocas anteriores. Em eras passadas, os homens construíam sua forma de se relacionar com o mundo, de enfrentar os perigos da natureza, de desvendar os mistérios da vida, movidos pelo espírito aventureiro do desbravamento. Os requisitos eram a bravura, a coragem e a determinação. A sinalização pelo conhecimento e pela técnica, embora precária, era reforçada pela intuição e pela aprovação e desaprovação

dos mitos e deuses. Hoje, a ciência e a lógica são as referências, mas a busca é do inusitado, a aventura é para o desconhecido, o mergulho é na incerteza. Nessa jornada, o final da prova não admite meio termo: só a competência - o sucesso, ou a incompetência - o fracasso.

Para aliviar o sofrimento humano, decorrente do desamparo, da angústia e das tensões, frutos das relações sociais conflituosas, são acionadas estratégias de defesa e, dentre elas, um grande arsenal de instrumentos de entretenimento e lazer. Muitos desses instrumentos midiáticos e esportivos são direcionados principalmente aos jovens. Mas quase todos funcionam ao estilo da produção e do consumo modernos. Eles e as demais estratégias defensivas, em geral, também reproduzem e disseminam os mesmos ideais competitivos da atual lógica de organização social.

A força motriz da sociedade moderna contemporânea compreende, de fato, uma complexidade de elementos. Contemplar esses elementos e desvendá-los é um desafio para as ciências sociais. Mesmo a analogia com épocas anteriores impõe a seleção de traços e referências, devido à abundância que configura a atualidade. Assim sendo, neste texto, as observações sobre a lógica da competição individualista centram-se em pontos que a diferenciam de sua versão moderna precedente à atual, buscando perceber suas variações, a dimensão que a caracteriza como nova forma de racionalidade. A incerteza, a instabilidade, os ideais de sucesso, de vitória e a referência ao risco são alguns aspectos da modernidade, que emergem na atualização de sua racionalidade competitiva.

Sem dúvida, o espírito competitivo é uma das principais características do homem contemporâneo. Contudo, a competição, um dos fundamentos do capitalismo moderno, que acompanha todo o seu trajeto, na atualidade, adquire novo vigor. As regras que comandam o desenvolvimento passam por reformulações, adequando-se aos ritmos e aos tempos da contemporaneidade, sobretudo aos seus fins: aos ideais de sucesso, de destaque e do

inusitado. A imprecisão e a descontinuidade caracterizam os acontecimentos e as múltiplas situações em que interagem os indivíduos. Essa instabilidade se estende também às próprias regras que balizam as relações sociais. Os códigos invisíveis da competição tornam-se mutantes: ora sinalizam, ora confundem. Ser competente agora não basta ter bom desempenho, é necessário ser o melhor. E esse nem sempre é o que sabe mais, e sim, o mais rápido, o que sabe fazer melhores manobras, o que se adapta melhor às novas situações, o mais esperto, valendo tudo, até trapacear. Mas, a esperteza, que tão magnificamente se molda à modernidade, como bem observa Balandier (1997), muitas vezes é usada pelo indivíduo, em sua ilusão, contra ele mesmo. Na atualidade, as constantes mudanças e as incertezas embaralham as regras do jogo e confundem as intervenções.

Na corrida pelo inatingível, o desempenho pessoal é medido pelo progresso do outro. A competição dissemina-se pelas relações sociais. Assim, a meta de estar à frente, de ser o vencedor, faz desse outro um inimigo. O percurso em busca do desconhecido torna-se ainda mais árduo e solitário. Essa ênfase na competição é, conforme Lasch (1983), uma marca do individualismo que floresceu no século XX. Até então, o progresso individual era medido por um "ideal abstrato de disciplina e abnegação". Esses princípios morais de fundo religioso, incrementados de racionalidade, com vistas ao sucesso econômico, foram a base para a emergência do capitalismo ocidental moderno, tal como demonstra a análise de Weber (1985). Nos dias atuais, esses valores não dão mais sustentação ao desenvolvimento. Outros princípios de orientação contrária, agora fundados na própria lógica econômica, assumem seu lugar. A deslealdade e a falta de compromisso se ajustam melhor aos novos tempos de descontinuidade, de instabilidade e de incerteza.

A competição e os ideais de sucesso do capitalismo moderno, na atualidade, também alteram o foco de atenção. Os ganhos financeiros e a acumulação, que são os

princípios maiores do progresso individual e do desenvolvimento, continuam importantes, mas não como fins em si mesmos. Na verdade, são mediadores do acesso a outros prazeres do mundo. Outros requisitos de felicidade são necessários para a auto-satisfação. A sociedade contemporânea exige outras forças para o trabalho, outras motivações que impulsionem incessantemente o consumo e a produção. A nova ética competitiva, plantada no produtivismo econômico, mas fundamentada na vontade insaciável de vencer, na busca do destaque e do inusitado, é a nova lógica. Ela passa a orientar os indivíduos nas diversas esferas de sua vida. A sociedade torna-se, portanto, palco do inédito e do espetacular, ornamentada pelos artifícios quase mágicos da técnica e da automação que confundem o real e a ilusão. A mídia, as telas empenham-se em transmitir, com imagens cinematográficas espetaculares, a impressão de que tudo é possível. Os riscos e as incertezas da atualidade seduzem com a mesma atração do desejo do desconhecido, da grande sorte, da graça de ser o escolhido. Mas a modernidade e a lógica da ostentação e do inédito embaralham os caminhos, “mantêm uma espécie de aliança da descontinuidade, ao preço de uma fragmentação da vida, de uma incerteza quanto à definição de si” (BALANDIER, 1999. p. 71).

Os ideais competitivos da atualidade expressam as mudanças significativas nos fundamentos da sociedade capitalista moderna. A nova lógica de organização social, através do fenômeno da massificação, redefine os estilos de vida dos indivíduos. A satisfação do próprio interesse, através da busca racional de ganhos e da acumulação de riqueza, dá lugar à procura incessante de prazer e de sobrevivência psíquica. Essa busca narcísica evidencia o desamparo social, fruto do mal-estar da civilização moderna apontado por Freud (1996, v. XIV, 2001). No cenário de espetáculo da sociedade contemporânea, entra em cena a figura do narcisista, personalidade, segundo Lasch (1983), requisitada nas organizações empresariais, burocráticas e políticas e reconhecida na cultura contemporânea: “(...)

hábil em administrar as impressões que transmite aos outros, ávido de admiração, mas desdenhando daqueles a quem manipula para obtê-la; insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais preenche um vazio interior (p. 63)”.

Conforme a análise de Lasch (op. cit.), na cultura do narcisismo, o prazer do homem contemporâneo de sucesso não se realiza mais pelo seu trabalho, e sim, através da diversão, da manipulação dos outros e da admiração que ele possa suscitar. Os ganhos financeiros, as posses de bens só têm valor quando se transformam em “fichas” que credenciam a entrada e a permanência na sociedade do espetáculo. Neste cenário social, a evidência, a admiração e o espetáculo aparecem “como uma enorme positividade indiscutível e inacessível”, conquanto não têm consistência, são vazios de conteúdo. “O que aparece é bom e o que é bom aparece”, esse é seu fundamento (DEBORD, 1992). Mas a perseguição ao sucesso, ao estado emocional que ele provoca, à procura obstinada de brilho, de destaque, de ser o melhor não admitem o meio termo. A alternativa é o outro extremo: o insucesso, a desqualificação, a opacidade.

A onipotência, a auto-estima, o brilho do narcisista dependem da validação dos outros, de sua audiência, admiração e ostentação. A estrela só pode brilhar no palco de espectadores. Ser estrela é um desejo socialmente construído nessa modernidade que atinge a todos; ser espectador é o destino da grande maioria. Portanto, poucos alcançam o pódio e, quando o conseguem, nada garante sua permanência ali. Esforços puramente humanos não são suficientes. O risco, o acaso, a sorte também determinam a *vitória*. Com o tempo, o desejo insaciável do espetáculo ganha forma de busca de ofuscação dos outros, recurso à falsa aparência, tentativa de auto-ilusão através de diversos mecanismos de fuga da realidade, de negação, da autodesqualificação.

Essa busca de exaltação do eu é, pois, sintomática da insegurança e do desamparo do indivíduo nessa sociedade. Conforme Lasch (1983 p. 30), o eu grandioso do narcisista é frágil,

insignificante, só existe se refletido nos outros ou quando está ligado àqueles que irradiam celebridade. Essa procura exasperada de admiração e de referência no outro evidencia também a ânsia do indivíduo por autovalorização, pelo reconhecimento de sua competência na vida.

E, de fato, a dependência do outro é uma condição humana. Para Baudrillard (1992), a dependência dos demais para validação de nossa sorte, nossos desejos, é algo inerente à natureza do ser humano. Ela nos dá segurança sobre nossos prazeres e vontades. “É melhor ser oprimido, explorado, perseguido, manipulado por outrem do que por si mesmo. (...) mas vale ser feliz, ou infeliz por outrem do que por si mesmo” (p.178). Todavia, nesse mundo do espetacular, do inatingível e também de riscos e de incertezas, torna-se humanamente impossível ao indivíduo responder às exigências e às expectativas desse outro.

É, portanto, devido à insatisfação desse desejo insaciável e angustiante de aprovação e de amparo do “outro”, que ocorre o deslocamento da dependência natural do sujeito para outras forças que prometam o alívio do seu sofrimento e ofereçam a sensação de proteção. Em seu estudo sobre a “ilusão”, Freud (1997, p. 48.) observa que, através da religião, o sujeito cria, na figura de Deus, esse pai poderoso e protetor, capaz de oferecer o amparo necessário à sobrevivência humana. “O governo benevolente de uma Providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida”. Assim, nas diversas culturas, os indivíduos sempre dependeram das forças sagradas sobrenaturais dos deuses para enfrentar os perigos da natureza e as dificuldades existenciais. Mas, na sociedade moderna, o impulso para o desenvolvimento é extraído da força, da coragem e do temor dos próprios seres humanos, sem a interferência dos deuses.

Trava-se, então, uma corrida competitiva do indivíduo contra os outros e contra si mesmo na sociedade do espetáculo. Inicialmente, à medida que vão surgindo os resultados favoráveis, o percurso dos que conseguem ser

absorvidos pela nova racionalidade não deixa de ser instigante, atrativo, animador. Todavia, com o acirramento das provas, com a emergência de obstáculos, de desafios, a procura pode tornar-se cega, obsessiva, desrespeitosa de critérios. Ela pode levar o indivíduo à exaustão de suas forças, às últimas conseqüências para alcançar seus objetivos ou pode desqualificar e desmotivar qualquer projeto, cujo resultado não seja o almejado - o primeiro ou os primeiros lugares. A angústia, causada pelo sentimento de fracasso e de incompetência, com a iminência de resultados negativos ou o abandono da prova, leva o indivíduo à busca de outros desafios, até de natureza oposta, mas que sinalizem a possibilidade de sucesso, de vitória.

Os riscos da atualidade surgem, então, com característica específica, inerente à racionalidade da nova ordem. Ultrapassar obstáculos é o que confere aos atores sociais o provisório espaço no palco do espetáculo. É certo que os desafios da vida cotidiana sempre existiram, como meio de crescimento e de aprimoramento do homem, de exercícios de destreza e de sua capacidade de enfrentar as dificuldades, de testar e elevar sua competência, mas, hoje, eles se transvestem ao estilo da modernidade. A imprecisão e o disfarce das situações confundem os cálculos e as previsões. Prognósticos de ganhos e de acertos muitas vezes terminam em perdas e frustrações. A rapidez das mudanças desatina e desaponta os indivíduos empenhados em seus projetos profissionais e de vida. A obscuridade do futuro paralisa ou desmotiva em outros a elaboração desses projetos.

Tudo isso torna o risco, hoje, muito mais imprevisível, incalculável, desafiador, apresentando-se também de forma mais impositiva em nosso cotidiano, como requisito mesmo de nossa sobrevivência. Por outro lado, esse requisito não atende mais à nossa necessidade de auto-afirmação, uma vez que o acerto, quando ocorre, é sempre transitório. Os riscos da modernidade são, portanto, aqueles que se revestem de chances de vitória; são os que se colocam aos indivíduos ou são por eles

procurados, desafiando sua competência de enfrentá-los, de se mostrarem como os melhores. É o risco inerente à instabilidade, à nova competição, que a nova ordem treina os atores sociais a persegui-lo, a habituar-se a ele. Perder e ganhar vale menos do que a necessidade de se manter no risco ou em sua busca.

Para Sennett (1999), a peculiaridade da moderna cultura do risco consiste exatamente nessa excitação da procura de desafios. O risco passa a ser entendido em estreita ligação com o movimento da sociedade. Hoje, o que não se mexe é tido como sinal de fracasso, de forma que a estabilidade é percebida como uma vida quase morta. Enfrentar o risco aparece também como ato de coragem; um teste de caráter em que o importante é fazer o esforço, tentar a sorte. A atenção focada para as circunstâncias imediatas evidencia ainda a busca permanente do indivíduo de indicação de acerto. Ele precisa de provas que afirmem sua competência no trabalho e na vida.

É, portanto, no mundo do trabalho onde mais se evidenciam a imposição da racionalidade competitiva e seus efeitos corrosivos sobre a interioridade dos indivíduos. Um imenso arsenal produtivo, incluindo os engenhosos equipamentos tecnológicos e as sofisticadas redes de serviços, é acionado na produção dos bens de consumo que reproduzem a lógica do efêmero, do inédito, do espetacular. Essa mesma lógica, fundada na instabilidade, na exposição ao risco e na incerteza, substancia o processo de construção e de montagem desse arsenal produtivo, disseminando-se, também, para as antigas formas de organização individual e coletiva de trabalho.

Criam-se, então, novos modelos de controle de produção e novos espaços produtivos. Esses espaços podem ser ampliados e deslocados sem, necessariamente, obedecer a uma delimitação física específica, a exemplo dos escritórios virtuais. A instabilidade que impulsiona a lógica também altera permanentemente os tradicionais espaços físicos, fixados para a produção. Modificam-se o ritmo e a rotina das tarefas. O trabalho automatizado,

programado, burocratizado torna-se ilegível, no sentido abordado por Sennett (1999, p. 80). Ele escapa ao controle do trabalhador que o executa.

A perda de controle do trabalho, que resulta das mudanças nos processos produtivos, provoca distanciamento e desapego do indivíduo para com suas atividades. Esses “traços de caráter”, por sua vez, geram outros: o desprendimento do passado e a tolerância à fragmentação, igualmente importantes ao mercado de trabalho da era da flexibilidade. Essas mudanças na lógica da organização do trabalho estimulam, nos sujeitos, a espontaneidade, os deslocamentos e a disposição de “permanecer na desordem”, mas também provocam a “corrosão de caráter” e a autodestruição (SENNETT *op. cit.*, 80). A fragmentação do tempo, das tarefas, do trabalho, das relações é também a fragmentação da vida. Ela impossibilita os sujeitos de construir trajetórias a longo prazo; impede que elaborem suas narrativas de vida.

Assim, na atualidade, a fragmentação do trabalho e, em conseqüência, o distanciamento e o desapego fazem emergir também, no indivíduo, a falta de significação de sua tarefa e os sentimentos de inutilidade e de indignidade em suas atividades. No trabalho descontínuo e fragmentado, o sujeito não pode mais expressar atributos de competência e de valorização pelo conteúdo de suas atividades. Conforme Dejours (1992, p. 49.), o trabalhador não consegue sequer perceber o que sua tarefa significa no conjunto das atividades da empresa. Mas, a falta de significação e de finalidade do trabalho representa para o trabalhador a própria falta de significação humana de sua tarefa. “Ela não significa nada para a família, nem para os amigos, nem para o grupo social e nem para o quadro de um ideal social altruísta, humanista ou político” (DEJOURS, *op. cit.* p. 49).

Agravando esse panorama de perda de controle do indivíduo sobre seu trabalho e de significação de sua tarefa, ocorre simultaneamente o processo crescente de desqualificação profissional. As especializações são

constantemente banidas ou redefinidas, impedindo e desmotivando a formação de carreiras, provocando desemprego e destruindo longas trajetórias profissionais. O mundo contemporâneo é tomado pelo que Bauman (1998, p. 35) chama de “espectro da ruína de amanhã”. É a atmosfera de medo que abriga a incerteza decorrente da desordem da sociedade. O autor chama a atenção para o efeito psicológico do temor quanto ao futuro: nenhum emprego pode ser garantido, nenhuma posição pode ser inteiramente segura, nenhuma perícia pode ser de utilidade duradoura. “(...) a experiência e a prática se convertem em responsabilidade logo que se tornam haveres, carreiras sedutoras muito freqüentemente se revelam vias suicidas”. Um volume de perdas e frustrações contribui para o desencanto do homem contemporâneo com a vida. Inevitavelmente, todo este “mal-estar”, mais evidente no mundo do trabalho, incrementa a configuração do desamparo social da atualidade, intensificando a busca narcísica e angustiante do sujeito por valorização e admiração.

Nesse contexto de acontecimentos imprevisíveis, de obscuridade e de incertezas, agrava-se a competição. Além da acirrada concorrência entre os atores sociais para a entrada no mercado de trabalho, a luta para manter o emprego joga trabalhadores, de uma mesma empresa, em confrontos inescrupulosos e desleais. Assim, a própria visão de mundo dos sujeitos e sua ética de vida e de trabalho são alteradas. Conseqüentemente, as relações sociais no trabalho e nos demais planos de existência também passam por significativas mudanças. Obviamente, o impacto devastador da contemporaneidade sobre a trajetória de vida dos sujeitos afeta sua interioridade, provocando deformações de caráter e a emergência de outros sintomas de desamparo social. Conforme Sennett (1999, p. 10-11), caráter “são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem”. Mas, na atualidade, os referenciais que orientam as

escolhas dos indivíduos são também fundados na lógica que valoriza o efêmero, o curto prazo, o espetacular. Como, então, manter lealdade e compromisso mútuos “em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojctadas?”.

A instabilidade, o curto prazo, a insegurança, a competição desleal que fundam a nova ética do trabalho se estendem aos demais níveis de convivência dos indivíduos. A falta de compromisso e de responsabilidade fragiliza as relações dos sujeitos, danificando seus vínculos afetivos, deformando seu caráter, como observa Sennett (1999). Para o autor, numa economia política continuamente planejada, sem trajetória, intolerante à rotina, a incerteza que provoca as corrosões de caráter, está, hoje, entremeada nas práticas cotidianas de um capitalismo vigoroso. Ela “desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança, e compromisso e divorcia a vontade do comportamento. (...) As qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter” (p. 21 e 33).

Na atualidade, na arena do trabalho, a nova lógica competitiva se utiliza da imprevisibilidade e da incerteza para implementar diversas formas de pressão psicológica sobre os sujeitos, a fim de arrancar sua energia necessária à produção do ilimitado. Mas, as variadas formas de ansiedade, geradas nas organizações de trabalho, conforme Dejours (1992, 1999.), colocam em perigo o equilíbrio mental dos trabalhadores. A grande carga de tensão, resultante das pressões psicológicas, contamina outras relações fora do ambiente de trabalho, principalmente as relações familiares, generalizando-se o sofrimento emocional.

Assim, nas condições atuais de existência em que fracassam as estratégias de defesa do sofrimento humano no trabalho e em outros planos da vida, as desordens emocionais da atualidade (dependência de droga, pânico, depressão) emergem, como aponta Birman (1999), como um sintoma desse sofrimento e da falta de perspectiva do sujeito frente ao caos.



Elas denunciam o esgotamento das forças dos indivíduos, na luta pela sobrevivência psíquica, num mundo onde as regras e os parâmetros da lógica competitiva que orientam os sujeitos estão bem acima de sua capacidade humana de atender.

**ABSTRACT**

*The text deals with contemporary society characteristics associated to new competitive logic: today's instability, uncertainty and risks, which not only confer rhythm to production and define men's relationship with each other and with the world, but also cause several forms of psychological stress upon subjects, in order to bring out their energy necessary to unlimited production. The strong load of tension generated in this process, especially in working environments, affects other living settings of individuals, particularly in the family household, and thus spreading around the emotional suffering. Fragmentation and discontinuity logic changes time and space, and interrupts subjects' histories, launching them into the subordination to the ephemerality and spectacularity, as well as to failure and uncertainty anguish. Side by side with nature's devastation as a result of random productivity, we now watch human depredation in his/her inner self, character, strength, and spirit that pushes him/her forward. In today's living conditions where defense strategies of human suffering both in work and other life stages become ineffective, current emotional disorders (drug addiction, panic, depression) emerge as a symptom of this suffering and of the lack of perspective of the subject facing chaos. They denounce individuals' exhaustiveness in the struggle for psychological survival, in a world where rules and competitive parameters guiding subjects are high above their human capacity to respond to them.*

**Key Words:** *Contemporary society. Competitive logic. Today's risks. Emotional disorders.*

---

**REFERÊNCIAS**

- BALANDIER, George. O contorno: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. O dédalo: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. A Transparência do Mal. 2ª. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas - SP: Papirus, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DEBORD, Guy. La société du spectacle. Paris: Editora Gallimurd, 1992.
- DEJOURS, Christophe. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- \_\_\_\_\_. A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. 5ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. XIV. 75-113p
- LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 4ª. ed. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1985.